

SESSÕES DO PLENÁRIO

104ª Sessão Ordinária da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 26 de outubro de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO ADOLFO MENEZES (1º VICE-PRESIDENTE)

À hora regimental, na lista de presença, verificou-se o comparecimento dos senhores Deputados: Aderbal Caldas, Adolfo Menezes, Adolfo Viana, Alan Castro, Alan Sanches, Alex da Piatã, Ângela Sousa, Ângelo Coronel, Antônio Henrique Júnior, Augusto Castro, Bira Corôa, Bobô, Bruno Reis, Carlos Geilson, Carlos Ubaldino, David Rios, Eduardo Salles, Euclides Fernandes, Fábio Souto, Fabíola Mansur, Fabrício Falcão, Fátima Nunes, Gika, Hildécio Meireles, Ivana Bastos, Jânio Natal, José de Arimatéia, Joseildo Ramos, Jurandy Oliveira, Leur Lomanto Júnior, Luciano Ribeiro, Luiz Augusto, Manassés, Marcell Moraes, Marcelo Nilo, Maria del Carmen, Marquinho Viana, Nelson Leal, Neusa Cadore, Pablo Barrozo, Pastor Sargento Isidório, Paulo Rangel, Pedro Tavares, Reinaldo Braga, Robério Oliveira, Roberto Carlos, Rosemberg Pinto, Sandro Régis, Sidelvan Nóbrega, Soldado Prisco, Targino Machado, Tom Araújo, Vando, Zé Neto e Zó.(55)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão.

PEQUENO EXPEDIENTE

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Leitura do expediente.

OFÍCIOS

Do Deputado Alex Lima comunicando que, devido a compromissos assumidos no cumprimento do mandato parlamentar, esteve ausente nas Sessões dos dias 20 e 21/09/2016.

Do Deputado Paulo Câmera comunicando que, devido a compromissos assumidos no cumprimento do mandato parlamentar, esteve ausente nas Sessões

dos dias 03, 04, 05, 06 e 07/10/2016.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Submeto ao Plenário as atas das seguintes sessões: 93ª, 94ª, 95ª, 96ª, 97ª, 98ª, 99ª, 100ª, 101ª ordinárias, realizadas, respectivamente, em 04, 05, 06, 10, 11, 13, 17, 18 e 19 de outubro de 2016; e da 48ª sessão especial, realizada em 20 de outubro de 2016.

Em discussão as atas que acabam de ser lidas. (Pausa) Encerrada a discussão. Em votação. Os Srs. Deputados que as aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa)

Aprovadas as atas por unanimidade.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Pequeno Expediente.**(Oradores inscritos)**

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Com a palavra o deputado Carlos Geilson pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. CARLOS GEILSON:- Sr. Presidente, deputado Adolfo Menezes, cujo nome começa a ganhar força nos corredores da Assembleia Legislativa – ao que parece, já com o apoio do deputado Targino Machado –, nome que cresce, se fortalece para a Presidência da Casa.

O Sr. Targino Machado:- Não lhe dei procuração ainda.

O Sr. CARLOS GEILSON:- Vai dar no futuro.

Senhores Deputados, eu quero falar sobre segurança pública e quero trazer aqui dados, quero explicitar alguns dados para embasar o meu ponto de vista: na Bahia faltam delegados. Em muitas cidades, o delegado vai uma vez por semana, quando vai. E a população fica completamente desassistida.

(Lê) “Em todas as coordenadorias, o efetivo de delegados é deficitário, é insuficiente, não abarca inúmeras cidades. Inclusive, é comum acontecer essa situação: um único delegado responder por várias cidades, como exemplo, a 9ª Coorpin, de Jequié, que abrange 26 municípios e tem apenas 10 delegados. Desse modo, em várias cidades, como Santa Inês, Planaltino, Itaquara, Irajuba etc., a presença do delegado é esporádica, uma vez por semana no máximo. É inevitável o acúmulo de trabalho; o atendimento das ocorrências acontece de forma superficial; há a prescrição de vários delitos e, não menos importante, há a sensação de insegurança e descaso do poder público.

Outra situação bastante comum é a distância entre os municípios, que por vezes chega a 100 km, inviabilizando ainda mais o trabalho do delegado. Por exemplo: o delegado de Jaguaquara atende em Santa Inês, o delegado de Brejões atende em Lajedo do Tabocal, o delegado de Itiruçu atende em Nova Itarana.

Ainda na Região Metropolitana, vindo para Salvador todos os dias, a partir das 18h00, não há delegados e escrivães, apenas os investigadores que tomam conta dos custodiados. Diante da falta de efetivo, a Delegacia-geral direciona um delegado e um escrivão para cobrir toda a Região Metropolitana. Assim, se houver consumação de

um delito por volta das 18h00 em Madre de Deus ou São Sebastião do Passé, e o plantão metropolitano estiver funcionando na Delegacia de Lauro de Freitas, a viatura da Polícia Militar terá que se deslocar até lá. A depender do plantão, a guarnição da Polícia Militar poderá percorrer até 80 Km para efetivar a condução de um preso. É brincadeira! É brincar com a segurança pública.

Estima-se, meu caro deputado Sidelvan Nóbrega, que há 175 cidades sem delegado titular no Estado da Bahia. Os 95 delegados empossados, ainda muito aquém... O Governo deve chamar todos os aprovados que estão habilitados, que fizeram a Acadepol, passaram pela academia.

Senhoras e Senhores Deputados, como se vê, a situação continua caótica, com delegados indo apenas uma vez por semana em cidades de médio e pequeno porte. Essa é a realidade enfrentada pela Polícia Civil da Bahia. Daí a importância extrema, a necessidade extrema de convocar os 60 delegados e os 43 escrivães que faltam ser chamados e que estão habilitados.”

Olha, não vai resolver, não vai resolver! Agora, se o Governo resolver chamar todos os 60... Temos 175 cidades na Bahia sem delegado titular. É uma brincadeira. É por isso que a bandidagem toma conta, é por isso que estamos vivendo um caos na segurança pública.

Queria falar mais sobre a vaquejada e o preconceito contra os nordestinos, mas vou deixar para os deputados que irão nos suceder na tribuna. Mas quero dizer àqueles que detestam os nordestinos: vocês vão ter que continuar nos engolindo, quer queira, quer não queira, na música, na literatura, etc. Não diria no futebol, porque aí a gente vai mal. Mas fora isso, eles têm que nos engolir, e é por inteiro.

Obrigado, Sr. Presidente.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Com a palavra o deputado Bira Corôa.

O Sr. BIRA CORÔA:- Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Deputados, Sr^{as} e Srs. Servidores desta Casa, faço uso da palavra, neste momento, utilizando um símbolo do Nordeste, um chapéu de couro, estilo vaqueiro, exatamente para reafirmar o respeito que temos pelo nordestino e pela cultura identitária do nosso povo. No Sul, prevalece a ação da discriminação ao Nordeste, que agora, a partir da avaliação simplória da execução no Ceará, se reflete na ação inconstitucional do TJ, impedindo a cultura da vaquejada em todo o Nordeste brasileiro. E olhe que, para o Nordeste, a vaquejada é um instrumento econômico extremamente importante.

Na Bahia, podemos dizer que mais de 370 mil famílias dependem da vaquejada como a principal fonte de renda. Muitos municípios do nosso Estado têm na vaquejada a maior receita municipal, a exemplo de Serrinha.

E é por isso que estamos levantando movimento nacional em defesa da vaquejada, porque, além de ser um instrumento que move a economia, principalmente do Norte e Nordeste, é também um instrumento identitário, porque a figura simbólica

do Sertão do Nordeste e do Norte é o vaqueiro, que ora sofre a ameaça da tecnologia com a presença das motos, que ora sofre a discriminação no contexto das grandes propriedades, a partir da mecanização. E, sem dúvida alguma, a vaquejada, a cavalgada, a argolinha, são atividades socioculturais e econômicas que não podem vivenciar esse descaso, desrespeito e a marginalização que está sendo implementada.

Tenho feito um desafio nesta Casa, exatamente neste plenário: que os pares desta Casa que são contra a vaquejada tenham tido também a posição para contestar os abusos no trabalho, principalmente no combate ao trabalho infantil, no combate à discriminação no setor de trabalho, no combate ao trabalho escravo. E não temos vivenciado esse mesmo empenho do Judiciário brasileiro na defesa dos interesses da sociedade, em especial de trabalhadores e trabalhadoras, e da nossa infância.

Chamo também a atenção de que esse mesmo fórum constituído não se posicionou nas atividades que utilizam animais, mas que são esportes da elite. Por exemplo: não mexeram no rodeio, pois o rodeio é cultura sulista, porque é ela que mantém a economia no Paraná, em São Paulo e em parte de Minas Gerais, não chega ao Nordeste; não falaram do hóquei, esporte violento que utiliza o cavalo e que para cada equipe tem que ter 6 cavalos para cada atleta, pois a maioria não termina o campeonato porque os animais morrem por estresse e por insuficiência cardíaca.

Sem dúvida nenhuma, a questão não está na preservação dos animais, porque a Bahia teve o cuidado nesta Casa, quando regulamentou a vaquejada tombando-a como patrimônio imaterial do nosso Estado, que critérios fossem assegurados para preservar a integridade física dos animais, bem como dos vaqueiros.

Por isso, Sr^{as} e Srs. Deputados desta Casa, a Bahia não pode aceitar mais essa discriminação contra o Nordeste, essa discriminação à nossa identidade, à nossa cultura, ao nosso povo.

Ao vaqueiro, aquele que preservou a nossa identidade no Sertão, é que dedico o dia de hoje como um dia de luta. E parabeno todos, que no dia de ontem ocuparam Brasília para dizer que não aceitamos mais um descaso, mais um desrespeito e mais uma ação de discriminação contra o Nordeste.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Com a palavra o deputado Targino Machado, pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. TARGINO MACHADO:- Sr. Presidente, senhores nas Galerias, ninguém da imprensa, Srs. Funcionários, senhores que nos assistem através da *TV Assembleia*, incautos e desocupados deputados Bira Corôa e Carlos Geilson, que estão aqui, ocupando de forma solitária cada lado do Plenário, um representando a Bancada do Governo, e o outro, a Bancada da Oposição. O povo que nos assiste está dizendo: “Isso é o quê, é uma casa fantasma?” Mas vou lembrar que Bassuma anteviu isso, dizendo que aqui as cadeiras estavam todas ocupadas por incautos, desocupados espíritos. Quis fazer sessão mediúnica e ainda incorporou entidade aqui, nesta tribuna.

Para quem não se recorda, foi assim que aconteceu. V.Ex^a estava aqui, deputado Bira Corôa?

Senhor Presidente, veja o senso de oportunidade, conveniência e responsabilidade do nordestino quando tem acesso a alguma escolaridade. E vejam a qualidade da cultura da Bahia quando se espraia. Quero pedir licença ao presidente para ler aqui uma obra de um autor nordestino, que diz assim:

*(Lê) “Senhor ministro, pelo amor de Deus
Não acabe a vaquejada, pelo amor de Deus
Alô vaqueiros de todo o meu Brasil, vamos nessa
Senhor ministro, pelo amor de Deus
Não acabe a vaquejada, pelo amor de Deus
Ela é nosso sustento, nosso pão de cada dia
Ela é o nosso emprego, nossa única alegria
A vaquejada não merece não, afinal já são 100 anos, 100 anos de tradição
A vaquejada não merece não, afinal já são 100 anos de cultura e tradição
Senhor ministro, olhe com carinho para o nosso povo sofrido
Que depende muito das festas de vaquejada
Senhor ministro, pelo amor de Deus
Não acabe a vaquejada, pelo amor de Deus
Morro de medo, não sei nem o que fazer
Se vivo da vaquejada como é que vou viver
Todo povo nordestino está com dor no coração
Pois só de emprego perdido vai ter quase 1 milhão
Senhor ministro, pelo amor de Deus
Pensa na minha família e nos filhos meus
Pense um pouco se o senhor fosse eu
E o que é que ocê sentia no lugar do meu
Olho pra frente, sinto medo e sinto dor;
É como se fosse cego ou perdesse meu amor
Senhor ministro, pelo amor de Deus
Não acabe a vaquejada, pelo amor de Deus
Senhor ministro, pelo amor de Deus
Não acabe a vaquejada, pelo amor de Deus
Acabe não, senhor ministro, acabe não
O povo brasileiro lhe agradece
e salve os amantes da vaquejada”*

Esta é uma obra-prima de Adelmário Coelho, que teve um profundo senso de oportunidade. E foi ajudado nesta letra por um notório criador de cavalos na Bahia: Duda Mendonça, marqueteiro.

E, se o presidente der permissão, gostaria de que os senhores, no Plenário vazio, ouvissem esta música.

(O deputado Targino Machado apresenta a música pelo celular, e o refrão se refere pra não acabar com a vaquejada: *“Sr. Ministro pelo amor de Deus, não acabe a vaquejada pelo amor de Deus!”*)

No STF ninguém tem fé na magistratura, ele está pedindo em nome de Deus, tem que pedir em nome dos marajás que ocupam os cargos no Poder Judiciário. No Tribunal de Justiça da Bahia, deputado Carlos Geilson, um motorista lá que menos ganha, ganha R\$20 mil. Estou aqui com uma lista de 60 nomes, deputado Adolfo Menezes, inclusive meia dúzia de desembargadores que está recebendo mais do que o teto. E aí? Em vez de pedirmos a Deus, temos que pedir aos marajás para respeitarem a cultura da Bahia, porque o Tribunal de Justiça da Bahia, os juízes da Bahia conhecem mais de vaquejada do que os juízes do Sudeste ou do STF, lá, encastelados, de Brasília, não deviam estar dando, concedendo essas ações, essas liminares, essas sentenças para proibir as vaquejadas na Bahia, porque conhecem a cultura do Nordeste e estão deixando acontecer. Mas, infelizmente, são tantos marajás e tanto sentimento de fé e crença a menos que dá nisso.

Senhor Presidente, pela ordem.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Pela ordem, deputado Targino Machado.

O Sr. TARGINO MACHADO:- Obrigado, Excelência, não pela concessão da questão de ordem porque é dever, é obrigação, mas pela generosidade que V.Ex^a teve pela tolerância, inclusive permitindo que eu escrevesse nos anais desta Casa essa música que é um senso de oportunidade, é uma demonstração de quanto vale a cultura do nordestino.

Parabéns para Adelmário Coelho e para o coautor, Duda Mendonça.

Gostaria de solicitar a V.Ex^a uma questão de ordem para uma verificação de quórum para a continuidade da presente sessão, porque não há assunto, não está havendo efervescência, não está havendo efervescência de assunto que seja capaz de trazer os nobres deputados a esta Casa.

Eu estou triste, deputado Bira Corôa, porque eu também esperava mais do que 2.800 pessoas na manifestação de Brasília, ontem. Eu acho que os brasileiros estão perdendo a capacidade de se indignar. Os vaqueiros precisavam ter lotado aquela Esplanada. Lá apareceram mais cavalos do que vaqueiros, infelizmente. Mas, Sr. Presidente, é isto, a questão de ordem para verificação de quórum.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Bira Corôa:-Questão de ordem Sr. Presidente.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Concedo a palavra. É no mesmo intuito?

O Sr. Bira Corôa:- É. Eu quero reiterar a questão de ordem, mas aproveitando para parabenizar, mais uma vez, o deputado Targino Machado, por trazer, com ilustração, o que é a dor do nordestino e o que padece o nosso Nordeste mediante o olhar frio, distante e insensível de alguém que não sai de uma sala com ar-condicionado, não conhece a realidade do povo brasileiro e se acha na condição de julgar os rumos da sociedade, em especial, do homem e da mulher do campo.

Quero reafirmar, nobre deputado Targino Machado, que mais de duas mil pessoas, ontem, em Brasília, representa muito, porque a maioria dos vaqueiros e seus familiares não tinham condições para se deslocar até Brasília, pelas dificuldades econômicas que enfrentam. A ausência da vaquejada, sem dúvida, tira de vez... Agora, faltou, sim, mais apoio do empresário, por isso é que lá estavam os cavalos, para mostrar que têm trato, muitas vezes, melhor do que muito trabalhador e trabalhadora, ainda, neste Brasil, incluindo vaqueiros e vaqueiras, porque nós temos mulheres na profissão.

Mas, Sr. Presidente, quero agradecer, mais uma vez, pela concessão, e reiterar o pedido de verificação de quórum.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):-Pois não, deputado. Atendendo ao pedido de verificação de quórum do deputado Targino Machado, tendo em vista a presença de apenas 6 deputados neste Plenário, declaro encerrada a presente sessão por falta de número suficiente para continuidade.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.